

O DISCURSO E A CIDADE

Ponto de chegada

por Rita Palmeira

“Uma das ambições do crítico é mostrar como o recado do escritor se constrói a partir do mundo, mas gera um mundo novo, cujas leis fazem sentir melhor a realidade originária.” É com essa aparente simplicidade que, ainda no prefácio de *O discurso e a cidade*, Antonio Candido de Mello e Souza explica o labor do analista. Simplicidade, contudo, não deve ser confundida com simplificação. Nada mais distante do universo de Antonio Candido, um dos maiores intelectuais do Brasil da segunda metade do século XX e nosso maior crítico literário. Do alto de seus 74 anos, o que Candido defendia, naquele hoje distante 1992, era a supremacia do texto. Com a discrição e a firmeza que lhe acompanharam ao longo de toda a vida, dizia o que pode parecer elementar, mas nunca foi.

Tachada por seus detratores de “sociologizante”, na acepção menos rigorosa do termo, sua extensa obra cria um modo próprio de ver a literatura nacional, ao articular seu nascimento ao nascimento da nação. Essa perspectiva reorienta a crítica literária brasileira e

muda os currículos de letras pelo país afora, mas sobretudo em São Paulo, o que se deve, em parte, a sua relação primordial com a Universidade de São Paulo.

Se procedêssemos a uma genealogia intelectual de Candido, não poderíamos deixar de mencionar sua filiação ao que se costuma chamar de pensamento social brasileiro, que, sobretudo em fins do século XIX e na primeira metade do XX, tenta criar grandes interpretações sobre o país e a literatura nacional. Se historiadores e sociólogos se interessam pelo ponto de partida, o crítico literário se interessa pelo ponto de chegada: a ele as injunções sociais só interessam, pois, na medida em que forem capazes de ser reorganizadas literariamente.

Como reconhecê-las, porém? Bom, estamos diante do texto de um erudito que era também um professor. Uma das muitas qualidades da escrita de Candido é sua clareza explicativa, própria (ou desejável) aos que se dedicam à docência. Reside em seus textos uma preocupação em ser didático sem ser simplificador. Isso porque Candido mostra que, se o ponto de chegada é o texto, o ponto de partida do crítico rigoroso é pesquisa bibliográfica e documental, amplo conhecimento do tempo (costumes, hábitos etc.) de produção do texto sobre o qual se debruça. A isso, acrescente-se a inventividade crítica que lhe é característica.

Publicado em 1993, *O discurso e a cidade* se divide em três partes, cada uma delas com quatro ensaios.

A primeira, que dá nome ao volume, reúne textos “histórica e socialmente ancorados”, como ele mesmo define. Compõem essa parte “Dialética da malandragem”, originalmente publicado em 1970, sobre *Memórias de um sargento de milícias* (1852-3), de Manuel Antônio de Almeida; e de 1972 “Degradação do espaço”, a respeito de *L'Assommoir* (1877), de Zola, e “O mundo-provérbio”, sobre *I Malavoglia* (1881), de Giovanni Verga. Encerra essa parte “De

cortiço a cortiço”, escrito em 1973, mas só conhecido integralmente em 1991, a respeito do livro de Aluísio Azevedo de 1890.

Reproduzida originalmente em 1990 e como um único grande ensaio, a parte “Quatro esperas” traz quatro pequenos capítulos sobre textos do início do século XX: “Na cidade” (sobre o poema de Kaváfis “À espera dos bárbaros”), “Na muralha” (sobre a narrativa “A construção da muralha da China”, de Kafka), “Na fortaleza” (*O deserto dos tártaros*, romance de Dino Buzzatti) e “Na marinha” (a respeito do romance de Julien Gracq *O litoral das Sirtes*). Para além de algumas semelhanças por ele indicadas, o que congrega esses títulos é que “têm com o real as conexões indispensáveis para construir a inteligibilidade, mas *boiam* livremente”, no que se diferenciam dos da primeira parte, “*ancorados* na realidade” (as aspas são dele, os grifos, meus, para que se perceba que a escrita de Antonio Candido é, ela também, imagética — a metáfora informa, não apenas alude).

Finalmente, em “Fora do quadro” estão os ensaios mais recentes (fim dos anos 1980, início dos 1990), nos quais discute textos que têm como denominador comum o fato de destoarem da produção da época, ou “rema[re]m contra a maré”, para permanecer nas imagens aquáticas de que o crítico lança mão: a *Carta dirigida a meu amigo João de Deus Pires Ferreira, em que lhe descrevo a minha viagem por mar até Gênova*, que Sousa Caldas escreveu em 1790 e que só seria publicada em 1821; a poesia pantagruélica, ou

“Se historiadores e sociólogos se interessam pelo ponto de partida, o crítico literário se interessa pelo ponto de chegada: a ele as injunções sociais só interessam, pois, na medida em que forem capazes de ser reorganizadas literariamente.”

“Suas elaborações teóricas podem ser extrapoladas para outros contextos, mas deixarão de ser suas formulações e ganharão nova autoria. A ele, importa poder demonstrar o achado, não o tensionar a ponto de torná-lo conceito.”

do absurdo, dos românticos paulistas (em que se dedica especialmente a um poema de 1840 de Bernardo Guimarães chamado “A orgia dos duendes”); “Pomo do mal”, soneto de 1876 de Fontoura Xavier; e “Louvação da tarde”, de Mário de Andrade, escrito em 1925 e publicado em 1935.

Reuniões de ensaios não são propriamente livros para ler de uma sentada. Normalmente, seus leitores se orientam pelo tema de um ou de outro texto e deixam para depois aquilo que de imediato não lhes interessa. Nesse sentido, perde-se de vista a arquitetura que colocou em relação aqueles capítulos e não outros. Isso não é exatamente um problema, é antes uma vantagem de que disporão os leitores que fizerem a leitura integral da obra. Porque cada um dos doze ensaios que compõem *O discurso e a cidade* pode ser lido de forma avulsa, mas é certo que ganham espessura quando colocados em relação, justamente porque pôr em relação é parte de certo método analítico de Candido.

O artigo mais célebre do livro, e também o mais ambicioso, é “Dialética da malandragem”, ensaio de originalidade e agudeza tamanhas que fomentou outros textos de críticos diversos — tem-se aqui a dimensão do ensaio que é seminal porque joga luz sobre uma dinâmica do mundo social brasileiro a partir da compreensão de um princípio narrativo que costura as *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida. Alguns dos conceitos que ali estão ganharam vida própria — como “redução estrutural”.

Outras viraram objeto de dissensão e tentativas de atualização como a “dialética da ordem e da desordem” (que Antonio Candido observa no vaivém dos personagens entre os polos da ordem e da desordem, sem que o narrador julgue negativamente a distância da esfera ordeira). Quando, no entanto, a discussão se torna por demais teórica, afastando-se do texto e do comentário de texto a que Candido era afeito, ela se distancia das preocupações de seu formulador.

Se há algo que aparece em todos os capítulos do livro é que Candido põe o argumento à prova a todo tempo. Para além do raciocínio dialético ou do exercício didático, o que ele faz é testar aquilo que anuncia. Isso significa dizer que suas formulações não se sobrepõem à análise de texto, mas são por ela estimuladas. Suas elaborações teóricas podem ser extrapoladas para outros contextos, mas deixarão de ser suas formulações e ganharão nova autoria. A ele, importa poder demonstrar o achado, não o tensionar a ponto de torná-lo conceito.

É assim, nessa construção generosa de sua narrativa crítica, que é capaz de perceber em livros antes não vistos como obras-primas da literatura nacional contribuições para a compreensão da sociedade que o engendra, iluminando aspectos até então obscuros, e com isso alçando-os a um selo de qualidade também inédito.

Se relanceamos a disposição dos ensaios da primeira parte de *O discurso e a cidade*, podemos acreditar que o encadeamento dos artigos se deva à cronologia da publicação dos livros que são sua matéria. Quando, porém, observamos com mais vagar, somos capazes de ver como há ali um esforço para ler tais livros em relação aos “pares” estrangeiros e, portanto, às diferentes formações sociais que os originam — e o que poderia ser visto como defeito ganha em significado específico. E, para chegar a essa conclusão, fez-se necessário ir do Brasil de Manuel Antônio de Almeida à França de Zola, então à Itália de Verga e de lá ao Brasil de Aluísio Azevedo. Esse itinerário não seria convincente se não houvesse análise de

texto aliada a profundo conhecimento da vida intelectual e material que ancoraram as obras em análise. Só assim o crítico é capaz de vislumbrar na forma narrativa princípios do mundo social — a oscilação da ordem à desordem em *Memórias de um sargento de milícias*; o confinamento social construído também pela homofonia de *L'Assommoir*; o engessamento do mundo fechado e confirmado pelo uso reiterado do provérbio e do lugar-comum em *I Malavoglia*; a acumulação de capital e seus personagens como eixo da narrativa em *O cortiço*.

Expostos os procedimentos de análise de narrativas ancoradas na realidade, como tratar as que boiam por aí, num “mundo sem materialidade nem data”? É disso que se ocupa o crítico nos quatro capítulos da segunda parte. Para chegar a ela, perceba-se que era preciso mostrar como proceder à análise de livros de aspiração realista sem tratá-los como meros documentos da realidade, identificando neles construções narrativas que iluminam a vida social. Antonio Candido dedica-se então ao exame de obras que não se pretendem realistas, cujos cenários e tempos não são apreensíveis. Indica que o caminho para lê-las é e não é diferente: ainda que não disponha de documentação ou bibliografia que o auxiliem na identificação do universo narrado, ele precisa encontrar na obra, e só nela, elementos que informem cenário e tempo, e que com isso construam seu próprio universo de forma eficaz. Menos ambiciosa que a primeira parte, a segunda costura o que o crítico chamou de “descrições críticas”.

Os quatro ensaios de “Fora do esquadro” examinam obras brasileiras que, cada uma à sua maneira, destoaram de seu tempo — do fim do século XVIII ao início do século XX. Essa seção final, que poderia parecer um apanhado de textos desencaixados, oferece ao leitor a ressalva que só mesmo um crítico que se punha à prova podia fazer: o desvio da voga é também passível de análise, que irá

nos revelar um tanto mais de um dado tempo e espaço e das capacidades expressivas dali surgidas.

“Embora filha do mundo, a obra é um mundo”, diz Candido em um dos ensaios desse livro. Pois a obra de Antonio Candido é também ela filha do mundo e é em si um mundo que merece visita — de uma vez ou aos poucos; o que importa é o ponto de chegada, o texto, e o rigor, a clareza e a erudição de quem conduz o leitor até lá.



Rita Palmeira é crítica literária, editora e, atualmente, curadora da Livraria Megafauna. Foi editora da revista *Novos Estudos Cebrap* (2018-22), editora-assistente da *Três Estrelas* (2011-18) e professora da Facamp (2001-11). Doutora em literatura brasileira pela USP (2009) e mestre em teoria literária pela Unicamp (2000), foi professora temporária de literatura brasileira na USP (2012). Já colaborou, como resenhista, para veículos como *Folha de S.Paulo* e *Quatro Cinco Um*.